

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**Jéssica Venâncio Galdino
Natália Silva dos Santos**

**Diversidade linguística e as práticas de preconceito linguístico com alunos peruanos em
uma escola municipal de Tabatinga**

Tabatinga - AM

2018

**Jéssica Venâncio Galdino
Natália Silva dos Santos**

**Diversidade linguística e as práticas de preconceito linguístico com alunos peruanos em
uma escola municipal de Tabatinga**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito final para
obtenção de Grau em Licenciatura em Letras
pela Universidade do Estado do Amazonas –
UEA.

Orientadora: Prof.^a Ma. Rosinéa Auxiliadora Pereira dos Santos

Tabatinga - AM

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino e socorro presente na hora da angústia. À minha família, por sua capacidade de acreditar e investir em mim e ao meu filho Victor Silva, que compreendeu minha ausência em diversos momentos. Ao meu companheiro Railson dos Santos, pessoa com quem amo compartilhar a vida, obrigado pelo carinho e paciência. Aos meus amigos, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhora tudo o que tenho produzido na vida.

Dedico a minha vida e todos os meus esforços a minha família, que está ao meu lado em todos os momentos, por acreditarem em mim e também investirem no meu potencial.

Dedico também e primeiramente a Deus, que é o dono do ser e do ar que eu respiro.

Dedico aos meus filhos Laura Letícia e Pedro Nadal, por ambos serem minha motivação, e acima de tudo compreenderem cada momento em que eu não pude estar presente.

Dedico ao meu marido Wilkerson Chagas, que me incentivou a todo o momento nesta trajetória, obrigado por estar ao meu lado dando-me carinho e atenção.

Aos meus amigos que torceram por minha vitória. Dedico a todos vocês este trabalho, que incansavelmente direta ou indiretamente me ajudaram a cada momento difícil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que me deu o dom da vida e me abençoa todos os dias com seu amor infinito. Sou grata aos meus pais Nelcy Ferreira dos Santos e Alcinda Ramos da Silva, que me apoiaram muito com palavras de incentivo. Agradeço a minha mestra e orientadora Rosinéa Auxiliadora Pereira dos Santos, que serviu de exemplo para que eu tornasse uma profissional melhor a cada dia. Agradeço ao meu companheiro Railson dos Santos, que ao longo desses meses me deu não só força, mas apoio para vencer essa etapa da vida acadêmica. Aos meus amigos Juliane Canellas, Rennan Ramires, Jéssica Venâncio, Alexsandro Carvalho e Rosângela Lopes por torcerem e vibrarem com a minha conquista.

Sou eternamente grata a minha mãe (minha rainha) Neuzonir Salvador Venâncio, pois ela não mediu esforços para me criar e dar-me os estudos, além do mais me ajudou incansavelmente tratando-se dos cuidados de meus filhos. Agradeço a minha orientadora Rosinéa Auxiliadora Pereira dos Santos, que é o meu exemplo de profissional.

Agradeço ao meu marido Wilkerson Chagas, que me incentivou incansavelmente para que eu pudesse alcançar os meus objetivos. Obrigada meus filhos Laura Leticia e Pedro Nadal por ser a minha razão de viver. Agradeço também aos meus irmãos Jacqueson Venâncio, Jefferson Venâncio e Jaqueline Venâncio vocês são tudo para mim.

Agradeço aos meus amigos Alexsandro Carvalho, Daniel Aparício, Rosangela Lopes, Natália Ramos, Hallen Rex, Valdenizia Salvador, por dedicarem o melhor para mim, estarem sempre presente a cada momento e por vibrarem está minha primeira conquista.

Não posso esquecer-me de ser grata ao meu Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino e de minha existência.

Diversidade linguística e as práticas de preconceito linguístico com alunos peruanos em uma escola municipal de Tabatinga

Jéssica Venâncio Galdino

Natália da Silva dos Santos

Rosinéa Auxiliadora Pereira dos Santos

RESUMO:

Este trabalho de conclusão de curso intitulado “Diversidade linguística e as práticas de preconceito linguístico com alunos peruanos em uma escola municipal de Tabatinga”. O método de pesquisa foi baseado na Sociolinguística Interacionista e o tipo utilizado foi a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. Teve como propósito compreender as práticas de preconceito e saber quais os fatores que contribuem para que isso ocorra. Os resultados alcançados mostraram que o preconceito é praticado por professores e alunos brasileiros, afetando o desempenho escolar dos peruanos e abalando também as famílias dos mesmos.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico; Alunos Peruanos; Tabatinga.

ABSTRACT:

This work on the conclusion of the course has as its titled “Linguistic diversity and the practices with linguistic prejudice with students in a municipal school Tabatinga”. The research method was based on Interactionist Sociolinguistics and the type used was the qualitative research of an ethnographic nature. Was intended to understand the practices prejudice of prejudice and to know what factors contribute to this. The results showed that the prejudice is practiced by Brazilian teachers and students, affecting the school performance of Peruvians and also affecting their families.

Keywords: Prejudice Linguistic; Peruvian Students; Tabatinga.

Introdução

Este artigo intitulado “Diversidade linguística e as práticas de preconceito linguístico com alunos peruanos em uma escola municipal de Tabatinga”, trata sobre as práticas de preconceitos sofridos por alunos estrangeiros numa instituição de ensino no município de Tabatinga. Ao longo deste, mostraremos práticas que são constrangedoras e inibem a aprendizagem do aluno, fazendo assim que ele não consiga desenvolver o seu raciocínio por conta do preconceito.

A escolha deste tema surgiu da necessidade de se falar abertamente sobre o preconceito linguístico, uma vez que no município, o número de estrangeiros é grande, e o tratamento para com estes tem que ser acolhido. Dessa maneira, o aluno terá maior chance de ter um aprendizado melhor.

Os dados foram coletados mediante observação participante em sala de aula, nos intervalos e também através de entrevistas com as professoras, com as mães, com os alunos peruanos. As análises dos dados foram feitas a partir da triangulação dos dados na qual verificamos como ocorre o preconceito linguístico.

A teoria e metodologia que fundamentam este trabalho é a Sociolinguística Interacionista que visa estudar o comportamento e das interações entre os indivíduos.

Assim sendo, percebe-se a relevância deste trabalho para compreensão de que o preconceito praticado para com os estrangeiros não trará nenhum ponto positivo, além do mais conscientizará para que sejam evitadas essas práticas, pois toda discussão sobre este tem merecimento, e como consequência do conhecimento todos ganharão com a obtenção de qualidade da educação.

1. Diversidade linguística e as práticas de preconceito linguístico

Nesta seção iremos abordar questões de diversidade linguística e as práticas de preconceito com essas diversidades, mais precisamente as práticas de preconceito que ocorrem em regiões de fronteira como é o caso do município de Tabatinga.

O município de Tabatinga está localizado no interior do Amazonas, na mesorregião do sudoeste amazonense e microrregião do Alto Solimões, e também se encontra na tríplice fronteira de Brasil, Peru e Colômbia. De acordo com o último censo realizado pelo IBGE em 2017, Tabatinga possui uma população de 63.635 habitantes. Em virtude de principalmente Tabatinga ser um município de tríplice fronteira é que o mesmo foi escolhido para a realização da pesquisa, uma vez que o município recebe em suas escolas alunos de outras nacionalidades como peruanos e colombianos, além de alunos indígenas.

Esta seção irá, portanto, falar das variedades linguísticas e do preconceito linguístico sofrido por alunos estrangeiros que são que mais suscetíveis a essas práticas.

1.1. Língua e diversidade linguística

Há muito tempo, vários autores inclinam-se a conceituar língua, seguindo lógicas diferentes de autor para autor, deste modo Preti (1997, p. 12) diz que “a língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua”. A língua da

comunidade do indivíduo será o meio de comunicação destes, ela determina o modo como à interação ocorrerá deste modo, homem está sempre interagindo no meio em que ele vive por meio da fala, de sua comunidade.

Já Couto (2009, p. 134) afirma que “O fato é que hoje **língua** se refere, sincronicamente, a uma norma unificada ou a um conjunto de normas aparentadas”. Acontece que hoje as regras que todos temos que nos submeter está ditado em um livro ou manual rigorosamente estruturado, nele fala o como se deve escrever e falar corretamente, aquele que foge desta é sempre visto com olhos curvos.

Coelho (2015, p, 141) afirma que “entretanto, a língua não se constitui apenas por um conjunto de variedades de prestígio, mas é sempre heterogênea”. Acerca da citação, em nosso município, o número de pessoas que falam a língua desprestigiada é em sua maioria por alguns indígenas, analfabetas ou semianalfabetas, também por analfabetas funcionais é grande, estes fazem parte do grupo de pessoas que não tiveram amplo acesso à educação de qualidade e que por isso fazem parte do grupo dos estigmatizados. No entanto, a língua é heterogênea, pois ela está em constante contato através dos indivíduos que fazem parte, apesar da mesma ser transmitida por estes grupos a comunicação acontece normalmente.

Existem normas que dão ênfase, a primeira é a norma estruturalista de Ferdinand de Saussure (1857), a segunda de Noam Chomsky (1928) que trata do gerativismo e por último a Gramática Normativa.

Para Saussure, a língua é um sistema homogêneo, um conjunto de signos exteriores aos indivíduos e deve ser estudado separado da fala.

A função dessa gramática não é ditar regras, mas envolver todas e apenas as frases gramaticais, ou seja, as que pertencem à língua. É assim que surge a Gramática Gerativa de Noam Chomsky.

A Gramática Normativa é aquela que prescreve as regras, normas gramaticais de uma língua. Ela admite apenas uma forma correta para a realização da língua, tratando as variações como erros gramaticais. Esta última é a que será levada em conta em nosso artigo, pois ela trata do falar e escrever corretamente, porém os informantes desviam dessa norma.

Nosso país é imenso e diferente no que diz respeito à língua, em cada região há uma maneira de falar e a cada dia que passa as pessoas inovam o vocabulário. Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 14):

No Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteadora para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade

impositiva. Para alguns estudiosos, há mesmo uma incompatibilidade entre uma democracia pluralista e a padronização linguística. Isto fica mais evidente em países plurilíngues, onde os falantes de línguas minoritárias têm de aprender e usar, em muitos domínios, a língua majoritária. Mas nesses países, os grupos étnicos minoritários têm feito valer seus direitos e as escolas, desenvolvido métodos de ensino bilíngue ou bidialetal, comprometidos com o respeito e a preservação das características linguístico-culturais desses grupos.

As línguas minorias são, dentre outras, aquelas faladas por grupos que são caracterizados por falantes de baixa renda, índios, peruanos e etc, estes têm que aprender de forma forçada a língua do dominante. Em Tabatinga, os estrangeiros que residem no mesmo município tem que aprender a falar a língua portuguesa que é a língua do dominante, notou-se que na escola pesquisada isso ocorre sem serem preservadas as características sociais dos estrangeiros.

Embora a autora diga que nas escolas devem desenvolver métodos de ensino bilíngue ou bidialetal, aqui em Tabatinga ainda não é desenvolvido nenhum tipo de projeto para envolver esses alunos, ainda a língua portuguesa é a majoritária, voltada para o ensino da gramática tradicional, no qual ocorre à simulação de regra, a escola não tem um comprometimento com a preservação das características dos estrangeiros.

Porém, as diferenças não são respeitadas, por isso que as escolas têm um papel muito importante que é o de esclarecer que existem outras formas de falar, mas que a escrita só há uma para todos.

2. As práticas de preconceito linguístico com imigrantes em regiões de fronteira

Abordaremos aqui a maneira como a sociedade brasileira encara as diversidades linguísticas e quais são as formas que se realiza o preconceito linguístico e as razões que contribuem para essa ocorrência. Primeiramente, o preconceito linguístico de acordo com Moncau (2013) é uma forma de discriminação que um falante com conhecimento educacional de uma gramática culta utiliza para sentir-se superior a outros falantes que não falam de acordo com estas normas, fica claro, portanto, que o preconceito linguístico se origina de situações onde um sujeito que tem conhecimento ou domina a fala prestigiada usa o seu conhecimento para inferiorizar a fala do outro indivíduo que não fala de acordo com as normas prestigiadas. Segundo Bagno (2011, não paginado)¹:

¹ Quando utilizada citação direta (breve ou longa) é obrigatório apresentar o número da página em que ela se encontra no documento. Quando o documento não apresenta paginação, o Sistema de Biblioteca sugere incluir a informação **não paginada. ABNT 2018**

A discriminação no modo de falar dos brasileiros é encarada com muita naturalidade na sociedade brasileira. Os “erros” de português cometidos por analfabetos, semi-analfabetos, pobres e excluídos são criticados pela elite, que disputa quem sabe mais a nossa língua.

Como assinala o autor, a discriminação com a fala “errônea” do brasileiro já se tornou natural e tem uma grande contribuição da elite para a ocorrência da mesma, todavia, a prática de preconceito linguístico também é exercida pela mesma população de classe baixa, analfabeta, semianalfabeta e excluída. Este fato torna esta situação um tanto intrigante, uma vez que o mesmo grupo de pessoas que é o grande e constante alvo do preconceito linguístico se torna aderente do mesmo.

Sobre o Brasil ser um país de inúmeras diversidades em todos os sentidos, principalmente em termos de língua não há dúvidas, por outro lado, é necessário atentar-se para o fato de como essa diversidade linguística é vista ou aceita pela sociedade brasileira uma vez que a mesma se mostra como uma seguidora fiel das normas padrão.

É importante ressaltar que a diversidade linguística brasileira não se resume apenas em regionalismo, ou seja, as várias maneiras de falar a mesma coisa vão muito além de uma mudança de região. Dentro das variações linguísticas podem-se encontrar outros fatores para a ocorrência da mesma. É óbvio que a mudança de região é um fator extremamente forte para que haja a flexão da língua, no entanto, existem outras razões para este acontecimento, isto é, fatores como a classe social, a idade, o gênero, o nível de escolaridade, a religião, etc., também são fundamentais para existência de tamanha diversidade.

Além dos fatores acima citados tem outro que também é muito importante, é o fator nacionalidade, pois no Brasil não residem somente brasileiros natos, pelo contrário é possível encontrar brasileiros com diversas nacionalidades, brasileiros que não falam só a língua portuguesa falam também o espanhol, etc., como é o caso dos indivíduos estrangeiros que residem em Tabatinga. A princípio esta afirmação parece bem confusa, tampouco, é mais simples do que se possa imaginar, pois se trata de pessoas que vêm de outros países e algumas se naturalizaram brasileiras e isto se sucede com mais força em regiões de fronteira. O município de Tabatinga que foi escolhido para realização da pesquisa é uma região de fronteira, é um bom exemplo para confirmar esta afirmação, pois há no município um grande fluxo de estrangeiros que todos os dias praticamente se estabelecem no município com ajuda dessas fronteiras.

Voltando ao assunto que deu título a esta seção, inicia-se agora uma discussão a respeito de como a sociedade brasileira encara as diversidades existentes na língua, já que, a

língua apesar de ser considerada uniforme apresenta uma grande variedade linguística. E é exatamente em virtude deste conceito de que a língua é única que decerto a maioria da população brasileira não admite erros gramaticais principalmente na fala. Segundo Bagno (2007) existem na sociedade os mitos que envolvem a língua portuguesa como, por exemplo, revistas que segundo Bagno prometem ensinar “o que é certo e o que é errado”, situações como estas fazem com que os indivíduos acreditem em uma língua uniforme e soberana, isto é, os ensinamentos sobre língua portuguesa em grande parte estão baseados em gramáticas normativas e deste modo o que estes ensinamentos transmitem é que só é correta aquela fala que segue as regras da gramática, a partir disso inicia-se o preconceito linguístico.

É importante destacar que antes de praticar o preconceito linguístico com sujeitos estrangeiros, com baixo nível de escolaridade, pertencente a uma classe social baixa, etc., os brasileiros tendem a ter preconceito consigo mesmos, com sua própria maneira de falar. De acordo com Bagno (2007, p. 15).

O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõe uma espécie de “preconceito positivo”, que também se afastam da realidade.

A partir desta concepção é reforçado o que já havia sido afirmado anteriormente a respeito de o brasileiro praticar preconceito consigo mesmo, este é o resultado do efeito que a mídia, principalmente, causa na população.

Outro preconceito que tem bastante ocorrência é o preconceito linguístico praticado com pessoas estrangeiras residentes no Brasil, como já dito este é um tipo de discriminação que é muito recorrente. Pessoas mudam de seus países o tempo todo tendo como principais motivos ter uma vida melhor ou fugir de crises políticas e econômicas que geram fome e pobreza. Isto acontece principalmente em regiões onde existem fronteiras, pois a fronteira como já citado facilita o acesso de uma cidade a outra, em algumas situações essas pessoas adentram em países sem nenhuma legalização e passam a viver no mesmo clandestinamente. Agora, em se tratando de língua, a maioria dessas pessoas estrangeiras ao se estabelecerem no Brasil, tem como um dos maiores desafios falar/aprender a língua portuguesa isso é fato.

Na escola do município de Tabatinga onde foi feita a pesquisa, nós pudemos constatar isso claramente, pois a dificuldade dos alunos peruanos em compreender a língua portuguesa é muito grande, assim como difícil de o docente de português ensinar estes alunos. Isso resultou algumas vezes em o professor se alterar com seus discentes estrangeiros, como, por

exemplo, em uma das observações evidenciamos a docente elevar o seu tom de voz para explicar uma atividade que havia passado para a classe em que se encontrava um dos informantes estrangeiros, pois o mesmo disse a regente que não estava entendendo a atividade.

Quando estrangeiros se mudam para o Brasil uma das primeiras decisões tomadas é a de colocar seus filhos em uma escola, claramente as crianças e adolescentes têm muita dificuldade em conciliar sua língua materna com a língua do país em que estão vivendo, ou seja, a criança ou o adolescente não conseguem falar as duas línguas ao mesmo tempo e o resultado disso é a fala de um português com desvios das regras gramaticais, porém os praticantes de preconceito linguístico denominam esses desvios como “errado”. As crianças independentemente de sua nacionalidade vivem em três ambientes de sociabilização identificados por Bortoni-Ricardo (2006) como a família, os amigos e a escola. Para reforçar esta afirmação ela cita em seu livro uma pequena história do escritor Carmo Bernardes “ele nos fala de sua experiência em casa, com sua parentalha, na rua com os filhos de baiano e na escola, onde encontrava um palavreado grego” (2006, p. 23). Pode-se dizer então que o mesmo se aplica aos dois adolescentes sujeitos da pesquisa, estes vivem nos três ambientes de sociabilização citados por Bortoni-Ricardo e sem dúvidas esses adolescentes imigrantes assim como o escritor Carmo Bernardes encontram na escola um “palavreado grego”, primeiro porque os docentes em sua maioria falam de acordo com as normas padrão, obrigando diretamente ou indiretamente seus discentes a fazerem o mesmo e segundo, as crianças brasileiras são grandemente ativas com relação a preconceito linguístico.

Crianças e adolescentes independentes de nacionalidade são praticantes assíduas da cultura do etnocentrismo e é evidente que as crianças e os adolescentes estrangeiros por ser a minoria são mais vulneráveis a este tipo de discriminação. Segundo Rocha (2004, p. 01) “Etnocentrismo é uma visão do mundo onde nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência”. Como se vê, o etnocentrismo é usado para mostrar que uma cultura, uma língua ou um povo é superior a outro, é melhor que o outro. Além disso, indivíduos que têm atitudes etnocêntricas têm como objetivo principal fazer com que as outras línguas e culturas se igualem à cultura ou língua do mesmo, uma vez que este indivíduo crê que sua cultura e língua são superiores as outras, vale destacar também que dentro do etnocentrismo está inserida a hierarquia linguística.

No município de Tabatinga, essa hierarquia das línguas acontece da seguinte maneira: a língua portuguesa obviamente é a língua dominante ou majoritária, abaixo dela vem o

espanhol colombiano (*língua falada na cidade de Letícia*), em seguida temos o espanhol peruano (*língua falada no Peru ou na cidade de S^{ta}-Rosa que faz fronteira com Tabatinga*) e por último se encontra a língua indígena. Como se vê a língua indígena encontra-se em último lugar da hierarquia, entretanto, na realidade essa ordem das línguas está incorreta, dado que o município de Tabatinga tem grande parte de sua população constituída por indígenas, porém ao se tratar de língua muitas vezes a língua indígena aparece mais inferiorizada que as demais, todavia, durante a pesquisa descobrimos que apesar de ser uma língua marginalizada por brasileiros não indígenas, colombianos, etc., os falantes de línguas indígenas consideram sua língua superior a língua espanhola falada por peruanos.

Fica aqui, então, evidenciado como funciona o preconceito linguístico, principalmente em regiões de fronteira e quais os fatores que contribuem para decorrência do mesmo, dado que em muitas vezes o preconceito linguístico se constituía apenas por analfabetismo, classe baixa, etc. Na próxima seção mostramos que existem outras razões pelas quais se realizam as discriminações.

3. Metodologia

Esta pesquisa se realizou em uma escola municipal de Tabatinga localizada na Avenida da Amizade próxima à fronteira com Letícia-Colômbia e teve como principal objetivo investigar de que forma ocorre o preconceito linguístico com alunos estrangeiros nesta escola. A pesquisa contou com a participação de dois alunos ambos com 14 anos de idade e de gêneros feminino e masculino, uma vez que a sociolinguística conta com a variável gênero por isso a escolha de um menino e uma menina, e para preservar suas identidades chamaremos de Informante 1 e Informante 2, ambos são de nacionalidade peruana. Também fizeram participação as mães dos dois alunos que serão denominadas Vera (mãe do Informante 1) e Cláudia (mãe do Informante 2), além das mães uma professora também participou da pesquisa que será chamada de Inês, todos os participantes da pesquisa receberam nomes fictícios para preservar suas identidades.

O modelo de pesquisa utilizado foi a Pesquisa Qualitativa de cunho etnográfico. Segundo Minayo (2015, p. 21) “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado”. Isto é, ao contrário da pesquisa quantitativa que como o próprio nome diz utiliza quantidades, números, etc., a pesquisa qualitativa trabalha com o lado humano das coisas ao invés da exatidão, isso quer dizer que este modelo de pesquisa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das

atitudes” (MINAYO, 2015, p. 21). Este modelo de pesquisa foi fundamental para o desenvolvimento do projeto, visto que foi observado o comportamento dos indivíduos, a interação que existe entre eles e como eles se porta diante de crianças de nacionalidades diferentes que, porém, frequentam a mesma escola que as crianças brasileiras.

A metodologia da pesquisa foi baseada na Sociolinguística Interacionista, uma vez que:

A teoria sociolinguística interacional procura dar conta das normas que presidem ao processo interacional, demonstrando que qualquer conversa que ocorre efetivamente na interação humana não se constitui de frases desconexas - pelo contrário, obedece a princípios de coerência interna (BORTONI-RICARDO 2014, p. 148).

Como se percebe, a sociolinguística interacionista durante a pesquisa tratou do comportamento e das interações entre sujeitos brasileiros e peruanos e mostrou que qualquer diálogo que é instituído na interação humana possui um objetivo, ele não é feito de qualquer maneira ou de frases desconexas como cita a autora, ou seja, na construção do discurso dos sujeitos brasileiros e estrangeiros existe um objetivo, tudo que for falado terá sido pensado, planejado por ambos os sujeitos, não existe, então, uma desconexão no que foi dito, pois quando um indivíduo profere um discurso ele já tem uma intenção em dizer algo, ele não fala alguma coisa só por falar. Para falar do comportamento dos indivíduos Goffman (2013) utiliza o termo *footing*, que segundo o autor, (Goffman 2013, p. 107) “*Footing* representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção”.

Grosso modo, o *footing* não é nada mais nada menos que a postura que um indivíduo assume durante uma conversa. Para Goffman (2013, p. 113) “uma mudança de *footing* implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução”. Ou seja, quando um indivíduo inicia um diálogo com outro indivíduo ele assume uma postura para conversar, dependendo da ocasião o mesmo pode mudar o seu linguajar sua postura física e se adequa àquele tipo de conversa, lembrando que o ambiente em que ocorre o diálogo também contribui grandemente para a escolha de uma postura mais formal ou informal.

A estratégia de pesquisa utilizada neste projeto foi a estratégia da observação participante, para Minayo (2015, p. 70):

A *observação participante* pode ser considerada parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. Sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos a consideram não apenas uma estratégia no conjunto de

investigação das técnicas de pesquisa, mas como um método que, em si mesmo, permite a compreensão da realidade.

Além disso, a observação participante é definida como um processo em que o pesquisador deve fazer o papel de observador em determinada situação social, porém, deverá manter o foco em sua finalidade que é a investigação científica. O observador participante deve manter uma relação direta com o seu objeto de pesquisa, observando de perto tudo que este faz, participando sempre de seu cotidiano, mas sempre mantendo seu objetivo de colher dados para sua respectiva pesquisa.

A estratégia da observação participante proporcionou mais conforto às pesquisadoras, pois de acordo com Minayo (op.cit, p. 70) “ela permite ao pesquisador ficar mais livre de julgamentos, uma vez que não o torna, necessariamente, prisioneiro de um instrumento rígido de coleta de dados ou de hipóteses testadas antes e não durante o processo de pesquisa”. Esta estratégia possibilitou também que o pesquisador visse “a olho nu” como se desenvolve a situação problema, que no caso deste projeto é o preconceito linguístico enfrentado por dois alunos peruanos em uma escola de Tabatinga.

As coletas de dados para realização da pesquisa foram feitas através de observações em sala de aula durante as aulas de língua portuguesa e redação, durante o horário de intervalo que é o momento em que todas as crianças saem para brincar, foi observado também como já dito anteriormente como seria a relação de interação entre as crianças brasileiras com as crianças peruanas e as observações foram todas registradas em um diário de campo. Segundo Minayo (2015, p. 71):

O principal instrumento de trabalho de observação é o chamado *diário de campo*, que nada mais é que um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades.

Além destes registros foi aplicado um breve questionário sociolinguístico com as mães dos dois sujeitos da pesquisa e uma breve entrevista informal com perguntas relacionadas ao tema do projeto foi feita com uma professora de língua portuguesa que ministra as aulas para os discentes estrangeiros e com os dois discentes peruanos.

Para finalizar utilizamos a triangulação de dados para comparar as afirmações feitas por todos os participantes da pesquisa com as observações que fizemos não só em sala, mas em outros lugares da escola também.

4. As práticas de preconceito linguístico observados em aula de língua portuguesa e redação

Nesta seção, abordaremos sobre as práticas de preconceitos linguísticos que os adolescentes peruanos sofrem em sala de aula e nos intervalos. A análise está pautada em momentos que dividimos em cenas as informações como as entrevistas com os informantes, com as mães e as observações participantes.

Os sujeitos da pesquisa são dois adolescentes de 14 anos de idade, ambos de nacionalidade peruana, eles são do 7º ano do ensino fundamental. Os participantes são de pele branca, alto, contém algumas tatuagens pelo corpo, os dois têm olhos claros. O informante 1 aparenta ser de família humilde, já a informante 2 aparenta ser de família que possui dinheiro.

Na entrevista feita no dia 08/10/2018, com o informante 1, há claramente a falta de respeito, onde que aquele com o conhecimento se nega a ajudar o aluno que está em posição daquele que fica a procura do conhecimento, é evidente que isso ocorreu muito pelo fato deste ser de nacionalidade diferente da professora.

Informante 1.

Yo no estaba entendiendo el texto, así que le pedí a la profesora ayuda, pero ella no me quiso ayudar. Cada vez esto sucede con más frecuencia. Así que, ahora, yo sólo entiendo cuando hablo con el pedagogo y éste me ayuda sin ningún problema².

Na fala do informante, nota-se que sua professora faz uso de preconceito linguístico, ao se negar em tirar as dúvidas do aluno, no momento em que ele diz: “así que le pedí a la profesora ayuda, pero ella no me quiso ayudar. Cada vez esto sucede”. Verifica-se que o aluno não se apropriou das normas da gramática normativa da língua portuguesa, pois ele só consegue pensar na língua materna que é a língua espanhola. Percebemos que ele não tem domínio dos procedimentos da textualidade de uma redação, tendo em vista de que a docente passa o trabalho e não explica os processos já mencionados.

No momento em que este aluno pede a ajuda da professora ela simplesmente o ignora. Notamos este comportamento da professora, e então nós perguntamos por que ela não ajudou o informante 1. Nesse instante, a professora respondeu em tom de raiva que o aluno “FAZ ISSO POR QUE ELE É UM BRINCALHÃO³”, já que essa redação o assunto está bem claro, notamos também que a mesma não entende a fala do informante e o aluno também não entende a professora, gerando assim o problema de comunicação entre ambos, a alternativa que percebemos da professora é ignorar o aluno em virtude do trabalho que o mesmo está

² Eu não estava entendendo a redação, então pedi a professora ajuda, mas ela não quis me ajuda e toda vez isso acontece. Eu só consigo entender porque eu venho falar com o pedagogo e ele me ajuda.

³ Colocamos em caixa alta em virtude que para a Sociolinguística Interacionista as letras maiúsculas indicam alterações de voz.

dando, já que os outros alunos não oferecem o mesmo trabalho, acreditamos que por isso ela decide ter essa atitude.

Informante 2.

Después de que yo discutí con la profesora, ella ahora “*vive no meu pé*”, como ella sabe que yo no consigo leer correctamente en portugués; me pide, casi siempre, que lea en voz alta “*na frente de todos os meus colegas*”, y así mis compañeros se ríen de mí, eso me deja con mucha pena⁴.

A informante 2, tem alternâncias de códigos isso por que ela se esforça para falar na língua portuguesa, é um termo que é a mistura do espanhol com o português.

O método utilizado pelos professores é muito questionado pelos alunos estrangeiros, pois eles se sentem intimidados pelos docentes. A informante 2 acredita que a professora faz as aulas voltados todos para deixar a aluna constrangida.

A informante 2, sofre o preconceito linguístico, intimidação e seus colegas de classe a constroem por meio de sorrisos. A evidência de que esses risos são uma forma de dizer que a garota não sabe ler, porém ela sabe. Outra forma de preconceito é a inibição já que a professora muda a aluna de lugar na sala de aula.

Nesta segunda entrevista realizada no dia 09/10/2018 com o informante 2, pudemos perceber que a professora Inês, em sinal de apatia e intimidação, sempre pede para que a aluna leia em voz alta na sala isso para que a mesma saiba que o professor detém o poder, esta atitude esta em conformidade com a citação de Bagno, (2007, p. 75): “Mas os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo”. Enfim, a professora e os alunos nesta classe estão tão impregnados com o preconceito que eles nem notam que estão cometendo atos de preconceitos, acaba que essas atitudes são recorrentes em sala, já que tanto o professor e os alunos praticam preconceitos.

Cena 1.

Vera⁵, ao ser questionada sobre o assunto, logo sem nem mesmo ter assinado o termo ela disse que o seu filho ao iniciar os estudos na escola ele chegava em casa triste e reclamando que seus colegas teriam chamado de “peruano” e de “peruaninho”, por conta desses episódios o mesmo teria se envolvido em diversas confusões na escola.

⁴ Depois que eu discuti com a professora, ela agora vive no meu pé, como ela sabe que eu não consigo lê corretamente em português ela pede sempre pra mim fazer leitura na frente de todos os meus colegas, aí os meninos da minha sala ficam rindo de mim, isso me deixa com muita vergonha.

⁵ Este nome é meramente fictício, para assim preservar as identidades dos participantes.

Durante a entrevista com a mãe do informante, ela se mostrou muito preocupada, em vista de que seu filho sofreu na escola, sua apreensão maior se dá pelo caso de que seu filho por conta do preconceito sofrido tanto por seus colegas de aula e em algumas situações por professor. Ao falar com essa mãe ela fez um olhar amedrontado e em alguns momentos notava-se que ela estava querendo chorar, já que seu filho estaria se envolvendo “em diversas confusões na escola”.

O uso dos termos como “peruano” ou “peruaninho” dependendo da tonalidade da voz dá para se notar quando é uma forma de preconceito, neste caso a tonalidade foi o de ironia e até mesmo de diminuição da pessoa.

Em vista do que foi visto na entrevista com a mãe, Coelho (2015, p. 136) diz que “as reações de preconceito se manifestam, quase sempre, em comentários do tipo “fulano fala errado”, “fulano não sabe falar direito”, “a fala de fulano é feia”, “fulano é burro”, etc”. Como foi notado na entrevista esse tipo de preconceito acontece, realmente com os adolescentes, e causa um sério problema em toda a família.

A seguir, nós apresentaremos na cena 2 que foi dada por Cláudia mãe da informante 2, segundo ela:

Cena 2.

A professora por não entender a língua de minha filha, ela não ligava, então um dia Inês chamou a atenção de minha filha isso tudo discutindo com a menina, então minha filha respondeu em sua língua, a professora não entendeu nada e perguntou de outra aluna que ouviu a discussão, essa garota disse que ela teria xingado a professora e por conta disso a minha filha levou três dias de suspensão.

Neste diálogo realizado no dia 11/10/2018, a mãe da aluna teria relatado essa experiência citado acima por sua filha, percebe-se que a professora impõe seu autoritarismo além do necessário, para punir a aluna estrangeira. A docente neste caso deixa bem clara a sua atitude etnocêntrica como podemos ver na citação de Rocha, (2004, p. 10) “A atitude etnocêntrica tem, por outro lado, um correlato bastante importante e que talvez seja elucidativo para a compreensão destas maneiras exacerbadas e até cruéis de encarar o ‘outro’”.

A citação acima mostra que a professora não deu lugar ao outro que no caso é a aluna, fazendo assim, com que a mesma não merecesse ser ouvida. Essas formas de tratamento exercidas pelo professor não vai fazer com que o aluno tenha um desenvolvimento na aprendizagem da língua portuguesa.

A cena 3 trata da observação em sala de aula.

Cena 3.

Inês entrou na sala e começou a dar a sua aula quando os seus alunos questionaram, falando “fessora por que a senhora é tão mal” ela respondeu: primeiro porque vocês não respeitam nenhum professor aqui nesta escola, segundo porque eu não tô aqui de brincadeira.

Nesta aula, do dia 11/10/2018, após a volta da aluna que estava de suspensão por conta de uma discussão com a professora, os alunos notaram na sua maneira de olhar que a mesma não estava gostando de ver a menina de volta em sua aula, então ao ser questionada, ela deu uma resposta de intimidação, tudo isso falando e olhando em direção a aluna estrangeira. Nota-se que a docente tem mudanças em seu comportamento, ou seja, para intimidar a adolescente ela faz o uso de forças maiores para assim fazer com que esta eles se retraiam e não volte mais a fazer nenhum tipo de problema. Também está evidente que a professora quer intimidar não somente a aluna estrangeira, mas toda a turma que a mesma está inserida. Como atesta Bortoni-Ricardo, (2004, p. 42).

Mais importante ainda é observar o devido respeito às características culturais e psicológicas do aluno. A escolher entre a não-intervenção sistemática e a intervenção desrespeitosa, ficamos, é claro, com a primeira alternativa. O trato inadequado ou até desrespeitoso das diferenças vai provocar a insegurança, como vimos no texto de Carmo Bernardes, ou até mesmo o desinteresse ou a revolta do aluno.

A citação acima nos mostra que à medida que ocorre o respeito o aluno se desenvolve melhor em sala de aula, e com isso o interesse cresce ainda mais. É exatamente por isso, que tanto o aluno tem que respeitar o professor como também o professor deve respeitar o aluno, deste modo a relação de ambas as partes tornarão eficazes e todos ganharão levando em conta que a educação é o objetivo maior em uma escola.

Diante de tudo que vimos, é lançada a pergunta que deu início ao projeto: Como acontece o preconceito linguístico nas escolas do município de Tabatinga?

O preconceito linguístico acontece de várias formas no âmbito escolar, no entanto, o que ficou explícito foi que tanto o aluno como também o professor da instituição ambos praticam o ato preconceituoso para com o estrangeiro, mediante olhares discriminatórios, xingamentos, exclusão, inibições e punições, etc. enfim, o resultado de todos esses atos são as marcas que ficam nos adolescentes e na família.

Considerações finais

Este artigo teve como foco principal apresentar os resultados de uma pesquisa realizada em uma escola municipal de Tabatinga, tendo como tema A diversidade linguística e as práticas discriminatórias com indivíduos de nacionalidade estrangeira em regiões fronteiriças, este trabalho foi fundamental para que futuramente possamos desenvolver melhor nosso trabalho como docentes, visto que a pesquisa nos proporcionou vivenciar, desta vez de um outro ângulo como são realizadas as práticas de preconceito linguístico com alunos estrangeiros e também como o docente de língua portuguesa trabalha essas questões de diversidade linguística em sua sala.

Além disso, o trabalho teve seus objetivos alcançados. Durante a pesquisa descobrimos que as ações discriminatórias partiam em sua grande maioria das docentes de língua portuguesa, uma que vez que durante as observações feitas em sala nos mostraram a impaciência em particular de uma das três docentes em que inclusive chegou a nos afirmar que “as vezes pensava em desenhar para que o aluno pudesse entender o assunto” atitudes como essas e muitas outras nos levaram a concluir que as práticas de preconceito não eram feitas só por alunos.

Em situações de variedades linguísticas, o professor de língua portuguesa tem como papel principal admitir estas variedades, pois o mesmo tendo conhecimento sobre o assunto é o único que não deveria ignorar esta disparidade em sua classe, entretanto, não foi bem isso que pudemos constatar em sala.

Ao término da pesquisa chegou-se à conclusão de que o preconceito não terá fim enquanto as pessoas não diminuïrem ou acabarem com suas atitudes etnocêntricas, que no que foi evidenciado o etnocentrismo tem uma forte influência nas ações discriminatórias. Além disso, o tradicionalismo das docentes também é um grande pivô para realização de tal discriminação, e este tradicionalismo impede até mesmo que o docente trabalhe em sala questões relacionadas a variedades linguística, uma vez que o lecionador é seguidor da gramática tradicional e se apoia em livros didáticos que é um outro instrumento muito restringido quanto ao ensino das variedades linguísticas no Brasil e é mais restringido ainda no ensino de variações com relação a indivíduos estrangeiros.

À guisa de conclusão, fica aqui evidenciado os dois grandes motivos para as sucedidas práticas de preconceito linguístico que seriam eles, como já citados, o uso abusivo de etnocentrismo e uso rigoroso da gramática tradicional por parte das docentes, fica esclarecida desta maneira que a única forma de não erradicar o preconceito linguístico mas torná-lo tolerante é de fato que todos os envolvidos, ou seja, alunos brasileiros, docentes de língua

portuguesa melhorem suas atitudes, diminuam seu rigor relacionado à língua portuguesa bem falada e compreendida para com os discentes peruanos.

Referências:

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? : um convite á pesquisa**. São Paulo: Parábola Editora, 2001.

_____. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editora, 2004.

_____. **Nós chegemu na escola, e agora? : sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editora, 2005.

COELHO, Izete Lehmkuhl. Para conhecer sociolinguística. São Paulo: contexto. (coleção para conhecer linguística). 2015.

COUTO, Hildo Honório do. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: contexto 2009.

GOFFMAN, Erving. 1979. "Footing". In: Branca Telles Ribeiro, Pedro M. Garcez (orgs.) **Sociolinguística interacional**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013 Pp. 107-182.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MONCAU, Joana. **Preconceito que cala, língua que discrimina**. Disponível em <www.luizluagonzaga.mus.br> Acesso em 28 out 2018.

PRETI, Dino 1930- **Sociolinguística: Os níveis da Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Dialogada Literatura Brasileira**. 8. Ed- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1997.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. - São Paulo: Brasiliense., (coleção primeiros passos; 124), 2004.